



# Notas da Semana - Economia e Mercados Financeiros

# 1. Economia e Mercados Financeiros

## 1.1 Economia

Os indicadores reais divulgados nos últimos dias sugerem que o consumo das famílias está a recuperar mais rapidamente e de forma mais abrangente do que o investimento, a produção industrial e as atividades relacionadas com as empresas.

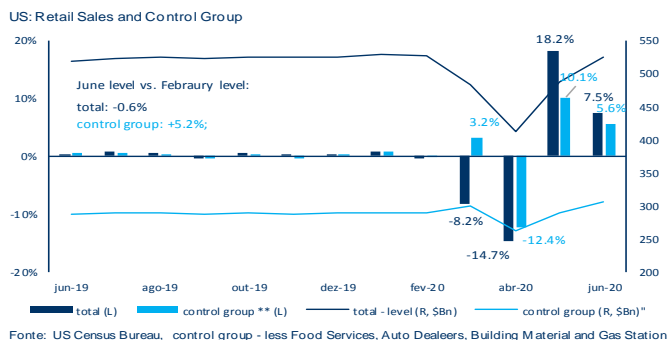
Em **Portugal**, de acordo com o **Inquérito Rápido e Excecional às Empresas**, promovido pelo INE e Banco de Portugal, assistiu-se a uma “*ténue melhoria da situação das empresas*” na segunda quinzena de junho. A percentagem de empresas em funcionamento foi de 96% (+1 p.p. que na quinzena anterior), salientando-se o setor do Alojamento e Restauração, com um aumento de 5 p.p., fixando-se em 82%. Comparando os resultados ao longo do segundo trimestre, a melhoria é mais notória, com a percentagem de empresas em funcionamento a aumentar de 83% em abril para 96% em junho. Da mesma forma, a percentagem de empresas respondentes com redução no volume de negócios, face à situação expectável sem pandemia, decresceu de 80% em abril para 67% em junho.

Na **Área Euro**, o **indicador de sentimento económico dos investidores (ZEW)** registou um aumento, pelo quarto mês consecutivo, desta feita de apenas 1 ponto para 59.6, a leitura mais alta desde maio de 2015. O diferencial entre as expectativas e as condições presentes mantém-se no máximo desde setembro de 2003. O indicador de **produção industrial** da AE registou um crescimento mensal de 12.4%, o que representa, mesmo assim, uma retoma apenas parcial após uma queda acumulada de quase 30% nos dois meses anteriores. A leitura permanece ainda 18.9% abaixo do nível de fevereiro.

O **Banco Central Europeu**, em linha com as expectativas, manteve a política monetária inalterada. A Presidente Lagarde considerou que os incentivos implementados são amplos e flexíveis e por isso considera que não seja necessária qualquer nova medida. No entanto, a Presidente declarou que o GC deixou abertura para novos estímulos monetários, tal como para a utilização de todos os recursos do programa de compra de ativos.

Nos **EUA**, os primeiros indicadores de confiança dos empresários referentes a julho confirmaram a tendência de recuperação e a maioria encerrou já a maior parte do gap existente no início da pandemia. O **Phildadelphia Fed survey** recuou de 24.1 para 27.5, enquanto o **New York Fed survey** bateu as expectativas ao subir de -0.2 para 17.2.

Na construção, o indicador **NAHB Homebuilders survey** subiu em julho para 72.0, 14 pontos acima do valor de junho e 42 pontos acima do nível de abril. O **otimismo das pequenas empresas** medido pelo indicador **NFIB** subiu 6.2 pontos, para 100.6, com as empresas inquiridas a relatarem um substancial aumento líquido nas intenções de aumentarem a contratação e de expectativa de vendas. Em termos de consumo, as **vendas a retalho** cresceram 7.5% em julho, em cadeia. Com este resultado, encontram-se apenas 1% abaixo do nível do início do ano. Destaque para os valores de *restaurantes e bares* que permanecem mais de 27% abaixo de seus níveis pré-pandémicos, apesar de um aumento de 20% em junho, quando mais restrições foram levantadas.



A **economia chinesa** cresceu 3.2% em termos homólogos no segundo trimestre do ano, um resultado acima do esperado (2.4%) e após a contração de 6.8% no trimestre antecedente. Face aos três meses anteriores, o **PIB** cresceu 11.5% vs. 9.6% (previsto) e -10.0% do primeiro trimestre. Pela positiva, destaque ainda para a **produção industrial** que aumentou em junho 4.8% face ao mesmo mês do ano passado, após 4.4% em maio e o **investimento residencial** que registou nos seis primeiros meses do ano um crescimento de 1.9%, acima do previsto (1.0%), embora muito inferior aos 10.9% do período homólogo. O **investimento em capital fixo** registou uma contração de 3.1% nos seis primeiros meses do ano, o que compara com um ganho de 5.8% durante a primeira metade de 2019.



## 1.2 Mercados Financeiros (atualizado sexta-feira, dia 17 de julho, às 12h00)

Nos mercados financeiros registaram-se variações moderadas nas diversas classes de ativos face à maior cautela demonstrada por parte dos investidores.

A semana ficou marcada pelo início do período de apresentação de resultados empresariais e pela divulgação de alguns indicadores macroeconómicos mais favoráveis, mas igualmente pelo aumento de tensões geopolíticas entre os EUA e a China e o exacerbamento da incerteza quanto à evolução da pandemia.

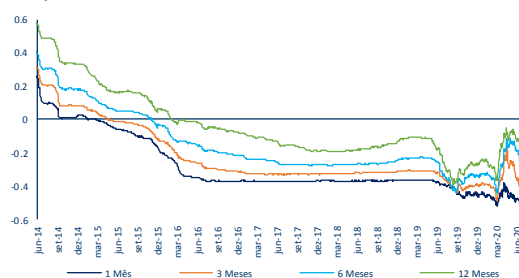
No **mercado monetário**, as taxas Euribor mantiveram a tendência de descida nos principais prazos de referência para maturidades até 1 ano. O Conselho de Governadores do BCE correspondeu às expetativas de mercado e manteve a política monetária inalterada, tendo considerado os estímulos atuais como adequados, entendendo não ser necessário adotar medidas adicionais. As atenções permanecem centradas na Cimeira de Chefes de Estado e de Governo e na aprovação do Fundo de Recuperação.

As taxas diminuíram entre 0.3 p.b. a 1 e 3 meses (-0.506% e -0.4435) e 2.1 p.b. a 6 meses (-0.351%).

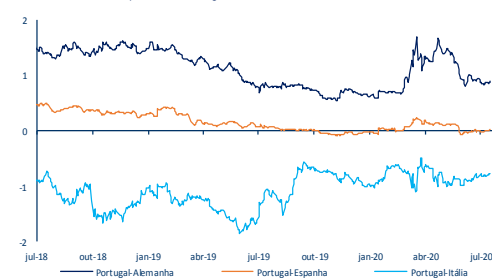
Nas **obrigações de dívida soberana**, as *yields* a 10 anos assinalaram uma diminuição ligeira em termos globais, com os investidores a aguardarem pelo desfecho quanto ao acordo final do plano de ajuda orçamental a nível europeu.

Na Europa, destaque para o decréscimo de 4.8 p.b. da taxa italiana, para 1.18%, o que representa o valor mais baixo desde o início de março. Em Portugal, as variações foram praticamente nulas, enquanto na Alemanha a descida de 1.1 p.b., para -0.48%, levou o *spread* entre ambos a fixar-se em 89.5 p.b.. Nos EUA, os prazos mais longos da curva de rendimentos continuam a registar uma queda mais acentuada, com os 10 e os 30 anos a descerem cerca de 4 p.b., para 0.60% e 1.29%.

Evolução das taxas Euribor



Taxas de soberanos: Spreads de Portugal



Nos **mercados de ações**, a apresentação de resultados do segundo trimestre do ano revelou, como esperado, fortes quedas dos resultados em consequência da pandemia e da interrupção de atividade durante uma grande parte do trimestre. Ainda assim, importa salientar a recuperação da maioria dos principais índices das economias desenvolvidas.

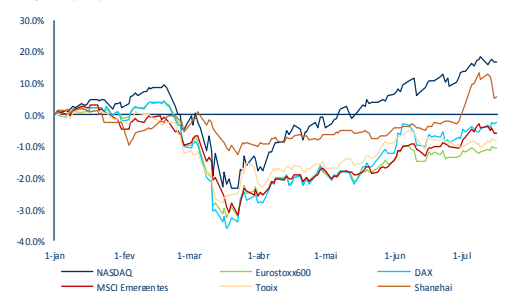
Nos EUA, o *Dow Jones* destacou-se com um ganho de 2.5%, ao contrário do *NASDAQ* (-1.4%), penalizado por alguns resultados menos favoráveis no setor, com os investidores a realizarem mais-valias face à forte subida pós confinamento (+16.5% em 2020).

Na Europa, o *Eurostoxx600* valorizou 1.5% liderado pelo *DAX* alemão (+2.2%), que continua a apresentar o melhor desempenho na região (-2.5% em 2020) e pelo *Footsie* britânico (+3.1%), favorecido pela queda da moeda inglesa. A nível setorial, destaque para as empresas *químicas* (+3.8%), a *energia* (+3.4%) e o *automóvel* (+3.3%). Nos mercados emergentes, o *MSCI* depreciou 2.5%, liderado pelo *Shanghai* chinês (-5.0%), apesar dos indicadores económicos positivos e crescimento do PIB no segundo trimestre na China.

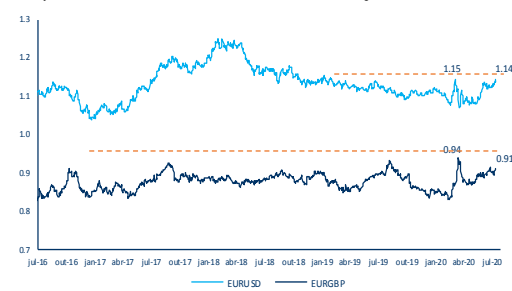
Nos **mercados cambiais**, a taxa de câmbio efetiva do *euro* terminou a semana com uma apreciação de 1.1% (2.6% no ano). Realce para a apreciação do *euro* de 1.7% face à *libra* inglesa e 1.1% contra o *dólar* norte-americano e o *franco* suíço.

Nas **matérias-primas**, o *brent* valorizou de forma marginal (0.6%), encerrando em \$43.2/barril e manteve a tendência positiva do mês (+6.2%), beneficiando da recuperação da atividade económica global.

Evolução dos principais índices acionistas em 2020



Evolução cambial do euro contra o dólar norte-americano e a libra inglesa



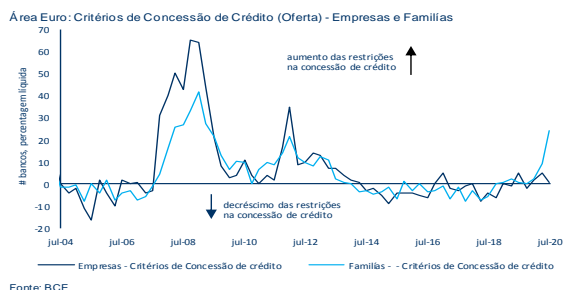
# Temas da semana

## 2.1 Banco Central Europeu - Bank Lending Survey – 2.º trimestre de 2020

O Banco Central Europeu divulgou o **Inquérito aos Bancos sobre o Mercado de Crédito** referente ao segundo trimestre de 2020, com a análise da evolução da procura e oferta de crédito dos principais bancos europeus.

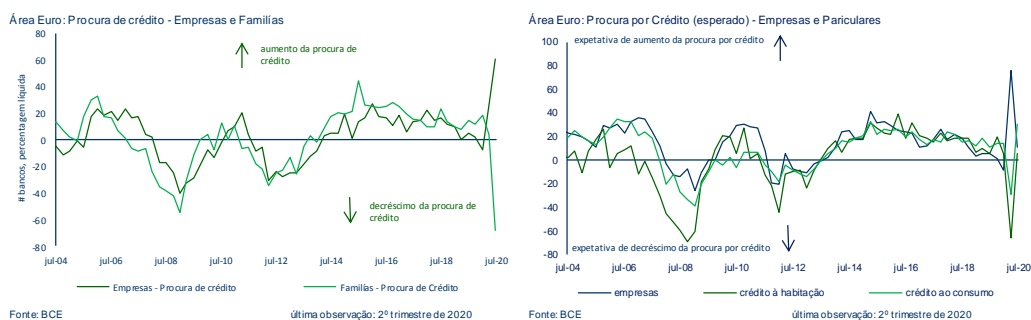
No que concerne aos **critérios e condições para a concessão de crédito às empresas**, em termos líquidos, apenas 1% dos bancos (4% no primeiro trimestre de 2020) reportaram que estes se tornaram agora mais restritivos. Esta descida reflete o impacto das medidas monetárias e fiscais, permanecendo muito longe dos valores atingidos nas anteriores crises (perto de 50%). O maior incremento registou-se nos empréstimos de longo prazo, ao passar de 5% para 11%. Em contraste, 23% dos bancos esperam que os critérios se agravem no terceiro trimestre, na medida em que em alguns países as garantias estatais deverão terminar, caso de Espanha. A perceção dos riscos continua a agravar-se, sobretudo quanto à capacidade creditícia das empresas.

Na **oferta de crédito às famílias**, os critérios de concessão de crédito agravaram-se substancialmente com uma percentagem líquida de 26% a reportar maiores restrições no segmento do crédito ao consumo e 22% nos empréstimos à habitação, após 10% e 9% no trimestre anterior. Estes valores representam os máximos desde o 1.º trimestre de 2009.



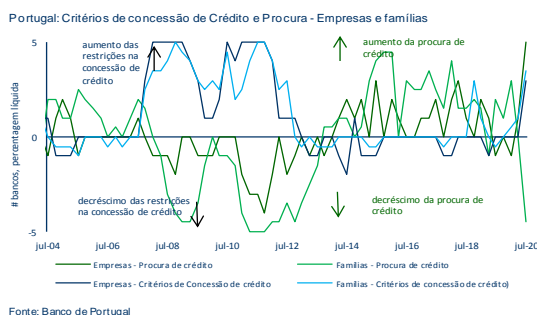
Em termos da **procura de crédito por parte das empresas**, foi atingido o valor mais elevado desde o início do inquérito em 2003. Este aumento ficou a dever-se à procura de fundos para gestão de tesouraria (71%, após 26%) devido a necessidades de liquidez de emergência e possivelmente, a uma acumulação preventiva para os próximos meses. Assim, uma percentagem líquida de 62% dos bancos reportaram um aumento da procura de crédito por parte das empresas, após 26% no 1.º trimestre de 2020. A procura foi superior nas PME's (61%) e nos empréstimos de curto-prazo (60%). No caso das **famílias**, acentuou-se o movimento contrário, com o colapso da procura no segmento do crédito à habitação, ao passar de 12% para -61%, e no crédito ao consumo e outros fins, de -4% para -76% (descida de confiança dos consumidores e insegurança laboral).

Para o segundo trimestre, estes movimentos deverão inverter-se, dado que uma percentagem líquida de 11% dos bancos espera um aumento da procura das empresas (após 77%). Quanto aos consumidores, a expectativa é de aumento da procura de crédito para aquisição de habitação e de crédito ao consumo no terceiro trimestre, com percentagens líquidas de 5% e de 30%, depois das leituras mais negativas desde 2008 no trimestre anterior.



## Banco de Portugal - Inquérito aos Bancos sobre o Mercado Crédito

O inquérito aos bancos sobre o mercado de crédito em **Portugal** no 2.º trimestre de 2020 revelou que ao nível da **oferta**, os critérios de concessão de crédito tornaram-se mais restritivos, especialmente nos empréstimos de longo prazo, no caso das empresas, e no crédito ao consumo, nos particulares. Ao nível da **procura**, foi possível constatar um aumento maior por parte de PME's nos empréstimos de longo prazo (financiamento de existências e de necessidades de fundo de maneiio), ao invés dos particulares, com uma forte queda motivado pela descida da confiança. Para o **3.º trimestre**, os bancos esperam um aumento da restritividade na concessão a ambos os segmentos, antevendo-se um aumento da procura de crédito por parte das empresas e uma estabilização nos particulares.

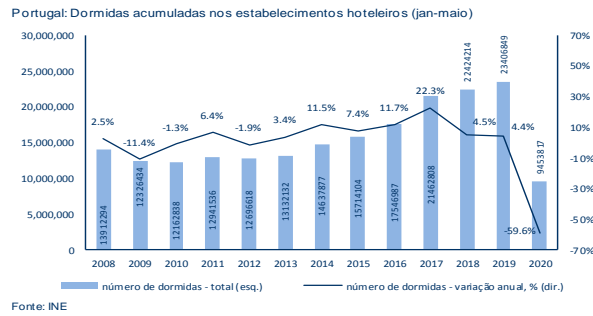


## 2.2 Portugal - Atividade Turística (maio de 2020)

O INE divulgou os dados finais referentes à atividade turística respeitante ao mês de maio.

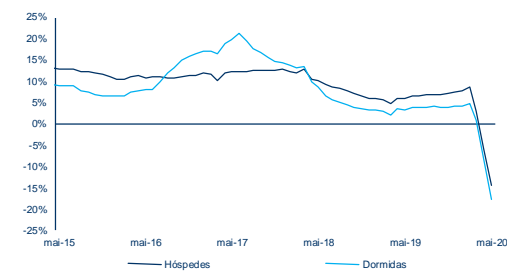
A **atividade turística** estagnou praticamente em maio, ao registar uma quebra de 94.2% no *número de hóspedes*, para 149.8 mil e 95.3% nas *dormidas*, para 307.0 mil, após -97.7% e -97.4% em abril, respetivamente. As *dormidas de residentes* recuaram 85.9% e as de *não residentes* caíram 98.4%.

No mesmo mês, ainda num contexto de elevadas restrições sobre o movimento de pessoas e bens e num clima internacional bastante adverso, cerca de 70.4% dos estabelecimentos de alojamento turístico estiveram encerrados ou não registaram movimento de hóspedes, após essa percentagem ter correspondido a 85.0% no mês anterior.

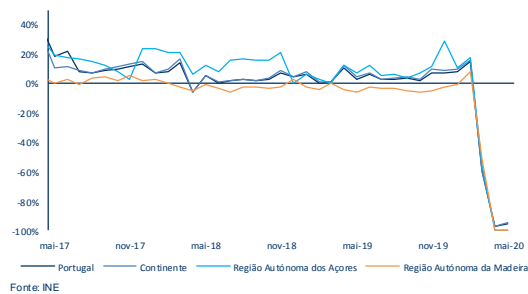


O mercado interno, que corresponde a 74.3% do total, contribuiu com 228.1 mil dormidas, o que representou um decréscimo de 85.9%, depois de em abril se ter observado uma queda de 93.5%. Nos mercados externos, as dormidas diminuiram 98.4% (-98.9% no mês anterior) e alcançaram 78.9 mil. No conjunto dos primeiros cinco meses do ano, verificou-se uma diminuição de 59.6% das dormidas totais, resultante de variações de -50.6% nos residentes e de -63.2% nos não residentes. A totalidade dos dezasseis principais mercados emissores registou decréscimos superiores a 90%, tendo representado 81.3% das dormidas de não residentes nos estabelecimentos de alojamento turístico neste mês. As maiores reduções registaram-se nos mercados britânico e irlandês, ambos com -99.4%, no mercado norte-americano com -99.3% e no francês, com -99.0%.

Portugal: Dormidas e Hóspedes (vh%, mm 12m)



Portugal: Dormidas nos Estabelecimentos Hoteleiros (vh%)



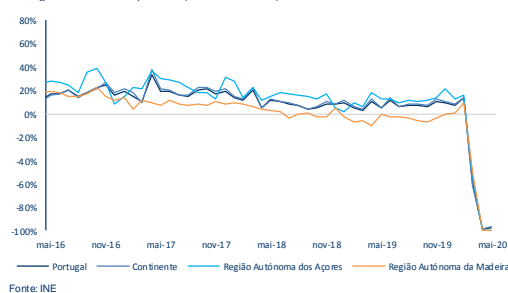
Relativamente aos destinos dentro de Portugal, todas as regiões registaram decréscimos das dormidas superiores a 80%, com as quedas mais significativas a observarem-se na R.A. dos Açores (-99.7%) e na R.A. dos Madeira (-99.5%). O Norte concentrou 27.8% das dormidas, seguindo-se a A.M. de Lisboa (27.7%), o Centro (15.2%), o Algarve (15.1%) e o Alentejo (13.0%). Foi nesta região que se registou a menor diminuição, com -84.3%.

Nos primeiros cinco meses do ano, as regiões que apresentaram as descidas menos acentuadas foram o Alentejo (-52.3%) e a R.A. da Madeira (-53.8%).

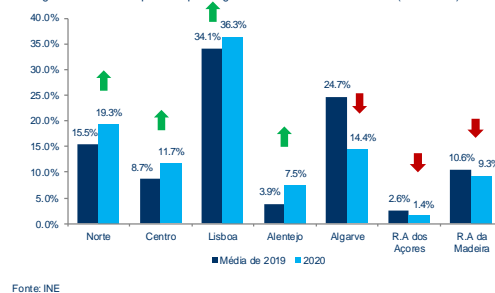
Os **proveitos totais** nos estabelecimentos de alojamento turístico registaram uma variação de -97.2% (-98.5% em abril), totalizando €11 milhões. Relativamente a aposento, o valor foi de 9.6 milhões de euros, o que representa uma variação de -96.8%, após -98.2% no mês anterior.

O rendimento médio por quarto ocupado atingiu €53.6 em maio, o que se traduziu num decréscimo de 36.8% (-41.7% em abril).

Portugal: Projeitos de Aposento (milhões de euros)



Portugal: Projeitos de Aposento por Regiões em 2019 e até maio de 2020 (% do Total)



## DISCLAIMER

Esta informação não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Geral de Depósitos e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Geral de Depósitos por perdas ou danos causados pelo seu uso.

A informação contida neste documento é realizada com um objetivo informativo, sendo enviada como um instrumento auxiliar, não podendo servir de base a qualquer investimento que possa ser realizado.

Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rentabilidade futura.

Não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Geral de Depósitos não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.